

A FICÇÃO CIENTÍFICA E SEU VALOR EPISTÊMICO: UM ENCONTRO ENTRE TEORIA LITERÁRIA E EPISTEMOLOGIA FEMINISTA

JADE BUENO ARBO¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – jade.arbo@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca investigar o valor epistêmico da literatura de Ficção Científica (FC), de forma a compreender como esse gênero/modo pode contribuir para processos de produção de conhecimento. Em um momento histórico em que se faz necessário compreender os eventos que nos trouxeram até as presentes crises sociais, políticas e ecológicas, a Ficção Científica se apresenta como um modo de narrar que olha tanto para o espaço entre o passado e o presente quanto ajuda a produzir o espaço entre o presente e diferentes futuros. Nesse sentido, nosso questionamento é o seguinte: seria possível afirmar que a Ficção Científica pode fornecer algum tipo de conhecimento? E se sim, qual seria a natureza desse conhecimento? Ele se qualifica como “conhecimento” no sentido tradicional? Em caso negativo, qual seria o valor epistêmico desse conhecimento “não tradicional”, considerando que a literatura possui uma relação tão distinta com a realidade se comparada a formas mais legitimadas de produção de conhecimento como as ciências naturais?

Para respondermos a tais perguntas, recorreremos à epistemologia feminista, que tem trabalhado para expandir concepções de conhecimento para além dos ideais tradicionalmente masculinistas de objetividade, racionalidade e empirismo. Dessa forma, a presente discussão centraliza as maneiras pelas quais a epistemologia feminista, e em particular o trabalho de Helen Longino (2002), pode nos fornecer condições para compreender o valor epistêmico da Ficção Científica e, dessa forma, elaborar um argumento de que a Ficção Científica pode ser lida como uma espécie de epistemologia esperançosa para os nossos tempos, focada na compreensão do passado, na avaliação do presente e na projeção de futuros possivelmente melhores. Tal argumento é central para a tese de doutorado, ainda em andamento, intitulada *Mundos por vir: a epistemologia esperançosa da Ficção Científica e a construção de novos imaginários ético-políticos*, na qual buscaremos identificar as diferentes leituras de mundo e proposições ético-político-ambientais presentes em obras de Ficção Científica desde seu advento com *Frankenstein*, de Mary Shelley, até a contemporaneidade com obras como as de Becky Chambers e Jeff VanderMeer.

2. METODOLOGIA

O presente recorte tem cunho majoritariamente teórico, e foi realizado a partir de uma abordagem interdisciplinar, combinando leituras em teoria literária (LEVINE, 2002; MARX, 2018), teoria em Ficção Científica (SUVIN, 1979; FREEDMAN, 2000), filosofia ambiental (PLUMWOOD, 1993; OTTO, 2012) e epistemologia feminista (LONGINO, 2002; HARAWAY, 1988), de forma a compreender a relação entre literatura, ciência e o real, as maneiras pelas quais a Ficção Científica estabelece sua relação específica com a realidade e a produção

de saberes, e de que forma os saberes frutos da Ficção Científica podem ser entendidos dentro de uma compreensão alargada de ciência e conhecimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *The Fate of Knowledge*, Helen Longino (2002) aponta que muitos filósofos pensam o conhecimento através de uma noção idealizada da ciência, a qual está embasada em concepções igualmente improdutivas de objetividade e racionalidade, resultando em uma separação entre aquilo que é racional e aquilo que é social. Segundo Longino, essa visão dicotômica pode ser descrita da seguinte forma: “O racional busca a verdade (ou é cognitivamente progressivo), enquanto o social é equiparado não apenas ao viés, mas ao que desvia da verdade” (LONGINO, 2002, p. 68, tradução nossa). Uma crença racional nessa concepção é aquela que deriva do triunfo da razão sobre o social. Essa concepção de conhecimento é moldada por uma visão dualista (PLUMWOOD, 1993) da relação entre racionalidade e socialidade: a crítica de Longino a essa dicotomia e aos filósofos que a adotam é que: “Seu compromisso com o individualismo cognitivo reforça ainda mais a suposição de que os processos cognitivos estão sempre em oposição aos processos sociais e obscurece a possibilidade de que alguns processos cognitivos possam ser processos sociais” (LONGINO, 2002, p. 68, tradução nossa).

Ao fazer uma descrição desse comprometimento generalizado da visão tradicional de conhecimento com separação entre racionalidade e socialidade – ou melhor, a separação do sujeito conhecedor de sua linguagem, imaginação e realidade socialmente construídas – Longino permite-nos visualizar as muitas maneiras pelas quais o que é produzido pela Ficção Científica não pode ser compreendida como conhecimento no sentido tradicional.

Em primeiro lugar, quando entramos em contato com uma obra de Ficção Científica, não encontramos dados empiricamente extraídos, mas um mundo em estranhamento (SUVIN, 1979), que destaca certos aspectos do nosso mundo compartilhado através da diferença, mas não pode ser tida como evidência direta de algo no mundo real. Ao mesmo tempo, não somos observadores imparciais desses mundos de Ficção Científica: somos sujeitos engajados e localizados, emocionalmente investidos no andamento da história e carregando nosso próprio conhecimento de fundo para decodificar aquilo que nos é apresentado. Nesse encontro, tentamos compreender as regras deste novo mundo que passamos a habitar, o que pode ser dito como gerador de um efeito cognitivo — para usar a reformulação de Freedman (2000) da cognição da Ficção Científica de Suvin (1979). Não chegamos a conhecer as regras naturais do mundo real através desse contato, mas sim as de um mundo imaginado que, em alguns aspectos, é semelhante e, em outros, completamente diferente do nosso. Há uma polifonia e uma descentralização nessa relação entre leitor e literatura que não pode ser abarcada pela imagem de um sujeito que conhece completamente racional e desinteressado — com uma “visão de lugar nenhum”, como Haraway (1988) descreveu criticamente — testando os dados coletados para gerar uma teoria generalizada sobre como certas coisas funcionam no mundo natural. Esta seria uma investigação científica cujo valor epistêmico é julgado como autoevidente, o que não é o caso de investigações ficcionais.

No entanto, para Longino, a investigação científica tem duas características que tornam sua epistemologia mais complicada do que se acreditava

tradicionalmente: “Uma é esse caráter social de suas capacidades cognitivas ou produtivas de conhecimento. A segunda é o espaço entre seus recursos explicativos (dados) e suas aspirações explicativas (teorias)” (LONGINO, 2002, p. 8, tradução nossa). Isso significa que a observação individual e a faculdade da razão, ao contrário do que uma visão tradicional de conhecimento propaga, sempre precisam ser permeadas por processos sociais, como a interação discursiva crítica, e as maneiras pelas quais essa suplementação muda nossas teorias sobre os dados que coletamos são inevitáveis e imprevisíveis. Uma epistemologia para o que ela chama de “ciência viva” precisa acomodar as consequências de levar a sério os aspectos sociais das práticas de produção de conhecimento, abandonando a esperança por um conhecimento científico permanente, completo e unificado e “aceitando a provisoriade, parcialidade e pluralidade do conhecimento científico” (LONGINO, 2002, p. 9, tradução nossa).

Entendida à luz dessa epistemologia para uma ciência viva, ou seja, essa concepção socializada de produção de conhecimento, o conhecimento científico difere em um grau significativamente menor da literatura do que imaginávamos. Na verdade, quando Longino (2002) descreve sua perspectiva como enfatizando que “a cognição tem elementos sociais, além de elementos sensoriais e de cálculo” (p. 205, tradução nossa), ela abre espaço para compreendermos as dimensões sociais da produção de conhecimento como recursos tão valiosos quanto os tradicionalmente endossados, como percepção e racionalidade individual.

O que podemos chamar de “subdeterminação dos dados”, ou seja, o fato de que existe essa lacuna entre os recursos explicativos e nossas aspirações explicativas (teorias), é essencial para a epistemologia social em geral e feminista em específico, pois revela o aspecto social da construção e compartilhamento de conhecimento ao argumentar para o fato de que os dados em si mesmos não são capazes de fornecer uma descrição do mundo: nós, humanos com experiências vividas, dizemos algo sobre os dados que coletamos, e porque a própria coleta de dados é feita por seres sociais, ela é sempre também imperfeita.

Tal recurso à epistemologia feminista permite-nos superar o rebaixamento ou negação da participação da literatura nos processos de produção de conhecimento, pois capacita-nos a verificar 1) que o próprio conhecimento tradicionalmente endossado como o mais acurado e ideal, ou seja, o conhecimento científico, surge e depende ele mesmo de condições que são inerentemente sociais; 2) compreender que a Ficção Científica, ao constituir-se como interação discursiva crítica, pode ser compreendida como produtora de conhecimento; e 3) que a Ficção Científica, articulando o estranhamento e o efeito de cognição (SUVIN, 1979, FREEDMAN, 2000), produz um tipo específico de compreensão do presente e do futuro. O valor epistêmico da Ficção Científica está, assim, na negociação entre o que o leitor sabe sobre seu próprio mundo, como chegou a sabê-lo, por que acreditamos que essas coisas são verdadeiras e quão capazes somos de conceber possíveis caminhos para mudança.

4. CONCLUSÕES

Com base na discussão realizada, concluímos que a Ficção Científica possui, de fato, um valor epistêmico. Embora o conhecimento por ela produzido não seja científico no sentido tradicional, ela nos oferece *insights* profundos sobre os fatores envolvidos na construção do nosso presente e elementos que precisam ser negociados e repensados na construção de futuros outros. Através de suas narrativas, a Ficção Científica nos permite refletir criticamente sobre questões

globais urgentes, e explorar alternativas viáveis para a restauração de nossa relação com o planeta e as criaturas com as quais o compartilhamos.

Dessa forma, ao reconhecermos a natureza social do conhecimento, somos capazes de valorizar as contribuições da Ficção Científica para nossa compreensão do mundo, e, ao mesmo tempo, expandir nossa concepção de conhecimento, para que sejamos capazes de empregar mais ferramentas no processo de repensar nossas formas de vida. A partir do presente exercício teórico, torna-se possível abordar a Ficção Científica como uma forma de epistemologia que nos prepara para enfrentar os desafios do presente e pensar em futuros mais sustentáveis e justos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARAWAY, D. **Situated Knowledges**: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, p. 575–599, 1988.

LEVINE, G. **Dying to know**: scientific epistemology and narrative in Victorian England. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

LONGINO, H. E. **The fate of knowledge**. Princeton, N.J: Princeton University Press, 2002.

MARX, W. **The hatred of literature**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018.

OTTO, E. C. **Green Speculations**: Science Fiction and Transformative Environmentalism. Ohio State University Press, 2020.

SUVIN, D. **Metamorphoses of Science Fiction**. Peter Lang UK, 2016.